

**UNIVERSIDADE CANDIDO MENDES
PÓS-GRADUAÇÃO “LATO SENSU”
AVM FACULDADE INTEGRADA**

**PSICOPEDAGOGIA PARA A DISLEXIA NAS SÉRIES INICIAIS DO
ENSINO FUNDAMENTAL**

Por: Edilde da Conceição Candido

**Orientador
Prof. Simone Ferreira**

**Rio de Janeiro
2013**

UNIVERSIDADE CANDIDO MENDES
PÓS-GRADUAÇÃO “LATO SENSU”
AVM FACULDADE INTEGRADA

PSICOPEDAGOGIA PARA A DISLEXIA NAS SÉRIES INICIAIS DO
ENSINO FUNDAMENTAL

Apresentação de monografia à AVM Faculdade Integrada como requisito parcial para obtenção do grau de especialista em Psicopedagogia.

Por: Edilde da Conceição Candido.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a realização deste trabalho de pesquisa a Deus, aos meus familiares e amigos.

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho a todos os educadores do Brasil e a todos os profissionais que trabalham com a psicopedagogia a fim de contribuir para uma educação cada vez mais de qualidade e equidade.

RESUMO

Este trabalho monográfico visa conscientizar os profissionais de educação, e de áreas afins, sobre a importância de conhecer a dislexia como um transtorno de aprendizagem que com atendimento especializado e acompanhamento, pode oferecer aos disléxicos oportunidade de desenvolverem-se integralmente, buscando estratégias que os motivem e levem a desfrutar de uma vida escolar plena e digna.

O primeiro capítulo discorre sobre a definição do transtorno de aprendizagem, a dislexia, de forma clara e de fácil entendimento. No segundo capítulo da pesquisa, aborda a formação dos profissionais docentes e o atendimento oferecido aos disléxicos nas escolas do ensino fundamental nas séries iniciais.

O terceiro capítulo descreve o papel da psicopedagogia e da intervenção do psicopedagogo para o pleno desenvolvimento intelectual, emocional e social dos indivíduos disléxicos no ensino fundamental nas séries iniciais.

METODOLOGIA

O método utilizado para realização deste trabalho monográfico foi a pesquisa na internet em artigos, revistas e sites educacionais, e por pesquisa bibliográfica em livros sobre o tema. A metodologia empregada será: pesquisa bibliográfica e também em sites educacionais, acadêmicos e que abordem assuntos relacionados à psicopedagogia.

Referenciais teóricos: Paulo Freire, Nádya Aparecida Bossa, Sara Paín, Alicia Fernandez, João Beauclair, Emilia Ferrero, Lev Vygotsky, Jean Piaget.

Referências bibliográficas: Para Entender a Psicopedagogia: perspectivas atuais, desafios futuro, de João Beauclair; Pedagogia da Autonomia de Paulo Freire; Diagnóstico e Tratamento dos Problemas de Aprendizagem de Sara Paín.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	08
CAPÍTULO I - Entendendo a dislexia	13
CAPÍTULO II - Alunos disléxicos no EF 1	20
CAPÍTULO III – Psicopedagogo e a dislexia	27
CONCLUSÃO	34
BIBLIOGRAFIA CONSULTADA	38
ÍNDICE	40

INTRODUÇÃO

A avaliação e intervenção sobre a dislexia precisa de pesquisa pois só por ela se atinge de forma implacável cerca de 10% das crianças em idade escolar e que apresenta a dislexia. Caracterizada por dificuldade que elas têm em leitura e escrita, também pode apresentar-se como sintoma inicial o atraso na aquisição da fala e deficiência em perceber os fonemas. Se esses fatores estiverem aliados a outros casos na família da criança disléxica, a origem certamente deve ser genética, favorecendo então o diagnóstico e a intervenção precoce, e mais futuramente, uma possível superação do transtorno ou sua atenuação nos sintomas.

Esse trabalho de pesquisa aborda no primeiro capítulo a definição da dislexia, sua origem, teorias e estratégias possíveis no atendimento ao aluno disléxico. No segundo capítulo, a abordagem é direcionada aos alunos com dislexia no ensino fundamental nas séries iniciais, prática em sala de aula dos profissionais docentes e a família como participante ativa no atendimento a ele. O terceiro capítulo decorre sobre a intervenção psicopedagógica como forma de auxiliar os disléxicos para adaptarem-se ao processo de ensino-aprendizagem utilizado pelas instituições escolares. As crianças com dislexia têm sintomas que se combinam em intensidades variadas. Estes graus de variação e essas combinações são individuais, ou seja, cada indivíduo se apresentará na dislexia diferentemente de outros. Portanto, é necessário que haja uma equipe multidisciplinar, com profissionais que entendam de áreas específicas sobre a qual as dificuldades dos disléxicos existam. Tanto o médico, quanto o fonoaudiólogo e o psicólogo são importantes, e não só o psicopedagogo intervindo isoladamente. Um diagnóstico preciso, é fundamental para o sucesso do acompanhamento desta criança. Geralmente, o método utilizado é o da exclusão, onde descarta-se o que for testado e não houver resultado positivo para determinada dificuldade. E por aí acontecem as observações e os atendimentos, as sessões e as

consultas, de forma interdisciplinar, conjunta e integrada, onde os profissionais analisam e conversam entre si na busca de soluções e intermediações a fim de ajudar o paciente a dissolver suas inadequações e assim, chegar a um aproveitamento escolar correto para sua faixa etária e para desenvolvimento cognitivo.

Para o atendimento apropriado e eficiente, que leve o aluno a sentir-se apto e ajustado ao ambiente escolar, a família tem um papel imprescindível. A sua participação faz parte das estratégias utilizadas por psicopedagogos, uma vez que, é a família quem tem maior contato com o atendido, e pode fornecer informações importantes para a busca do acerto do tratamento, tanto para ajudar o diagnóstico, quanto para expressar aos profissionais, durante o tempo das sessões ocorridas, o que obteve êxito e o que não teve sucesso dentre as atividades e as estratégias utilizadas.

As escolas de Ensino Fundamental 1 precisam ter em seus quadros de funcionários, profissionais docentes com boa formação e sensíveis, que consigam perceber quando há algo que não vai bem com relação aprendizagem de um aluno seu, que esteja sobre seus cuidados no horário escolar. A educação também passa por este olhar do professor que, tentando entender quem é sua clientela, detecta o que não vai tão bem assim para os que apresentam dificuldades em aprender a ler, a somar, a contar, escrever e até mesmo a se expressar oralmente. As atividades quando diversificadas e amplas permitem que esse olhar seja mais rigoroso e eficaz para conhecer mais de perto as habilidades e a falta de delas. Quando isso ocorre, fica mais fácil alcançar os objetivos a que a escola se propõe. E principal é o papel desta escola, que, educando nas séries iniciais, prepara para toda a vida, e não apenas para o próximo segmento educacional que este aluno cursará. Estando diagnosticado e atendido, as chances de minimizar os efeitos da dislexia num fracasso escolar adiante são muito maiores.

A dificuldade do disléxico não implica em baixa inteligência, como muitos são rotulados, nem é comportamental, psicológico ou motivado socialmente. Ela se apresenta por um funcionamento cerebral diverso e

processamento de informações diferente do que fora pesquisado pelas áreas de estudo do cérebro. A neurociência já revelou que há maneiras de aprender diferentes e variadas, mas que não podem ser desconsideradas, pois o resultado é o mesmo. Se o objetivo for alcançado quanto ao aprendizado, não é mais importante, nem menos importante o caminho cognitivo que cada um consegue percorrer. Se a linguagem é fator de interação para os seres humanos, e se ela consegue fazê-lo interagir de maneira que se adapte e viva da melhor forma possível, deve ser reconhecida e reforçada positivamente, tendo os recursos fornecidos para seu pleno desenvolvimento e crescimento intelectual, psicológico e social. E quanto aos educadores, que sejam capacitados para exercerem suas funções de colaboração e auxílio para o bem-estar físico e mental dos educandos. Neste aspecto, o estudo e a capacitação se configuram como pontos certos de investimento para os psicopedagogos, e demais atores deste universo infantil.

A importância do encaminhamento e do atendimento precoce se dá pelo simples fato de muitos pais não terem o conhecimento sobre dislexia e de como ela é um freio para seus filhos no que tange ao progresso do aprendizado e da evolução no entendimento de mundo. Uma criança que não possui a habilidade fundamental para nossa sociedade, que é ler, escrever, somar, contar, subtrair, etc, estará condenada a ser mais um adolescente excluído e retraído, ou no inverso desta situação, mais um rebelde e incompreendido. Esse sentimento de frustração só faz piorar suas dificuldades, uma vez que a demanda por leitura e por escrita se dá o tempo inteiro em nosso cotidiano, seja ele por escritos, seja por internet, por figuras e imagens televisivas ou de entretenimento.

A contribuição da psicopedagogia é primordial para disléxicos na fase inicial do aprendizado escolar, para a época da alfabetização e no decorrer de toda vida acadêmica, mas a atenção deve estar mais voltada ao início do estudo formal, quando a criança tem contato com o mundo letrado. Nesta fase, se houver alguma interrupção no processo de aprendizagem, todo o posterior estará comprometido como num processo crescente de dúvidas

geradas a partir de uma incompreensão ou de uma inabilidade que se não for bem resolvida, acarretará em outra, que dará origem a outra, e assim por diante. Portanto, repetindo o que fora expresso acima, é de fundamental importância que seja precocemente percebida a dislexia e seus agravantes. Uma vida saudável passa por um corpo físico adaptado, mas também por um estado emocional confortável e estável, que faça do aluno um indivíduo participante e atuante, que seja ele um transformador de uma realidade, a partir do entendimento dela. Sabendo quais as estratégias oportunas para cada aluno, e conhecendo o que o limita para aprender, o profissional da psicopedagogia pode estabelecer um canal de comunicação em que atue mediando experiências sempre de engrandecimento e evolutivas, numa perspectiva onde as possibilidades sejam diversas, criativas, atraentes e interessantes. Não se trata de adotar uma postura utópica, como muitos dizem na educação, de fazer tudo o tempo inteiro ser mágico e fantástico, mas sim o de permitir à criança a oportunidade de pertencimento, acolhimento e valorização permitindo a ela desenvolver-se naquilo que a sociedade tem como básico e importante.

Um outro fator abordado neste estudo é o do vínculo de afeto entre o atendido e o profissional. Uma vez que aprender está intimamente ligado aos nossos sentimentos e as emoções que as experiências nos causam, estabelecer esse vínculo no atendimento dispensado ao aluno reflete como uma das estratégias de sucesso, e alavanca de resultados a favor do êxito tanto para um lado, quanto para o outro. A confiança precisa ser conquistada pelo psicopedagogo para que suas intervenções sejam permitidas e aceitas. E a aceitação faz parte do atendimento. Confiar e aceitar são pré requisitos para o aluno aprender, em qualquer fase ou segmento escolar.

O atendimento psicopedagógico visa acompanhar o disléxico auxiliando em dificuldades, de linguagem, seja ela escrita, oral, gestual, e de que área acadêmica geral. Tanto pode ajudar o aluno que tem dificuldade para calcular – discalculia, como para fazê-lo deslanchar na língua portuguesa, ou mais adiante, até mesmo nem algum idioma

estrangeiro.

O psicopedagogo que consegue entender a real importância de seu papel no processo de aprendizagem global e integral do educando, trazendo para o acompanhamento outros profissionais de áreas afins, além da família e do professor, e dos demais agentes educadores, conseguirá obter o sucesso tanto de seu atendido, quanto de seu trabalho. A partir desse olhar interdisciplinar e participativo, é possível desempenhar a função de mediador e realizar um trabalho de troca em que ensina sobre o melhor para o disléxico, mas também aprende sobre a diversidade humana, sobre a capacidade e o desenvolvimento potencial que todos as pessoas têm, seja por meios tradicionais, seja por caminhos alternativos e criativos.

CAPÍTULO I

ENTENDENDO A DISLEXIA

A dislexia é um transtorno de aprendizagem que se caracteriza por dificuldades em ler, interpretar e escrever. Sua causa tem sido pesquisada e várias teorias tentam explicar o porquê da dislexia. Há uma forte tendência que relaciona a origem à genética e a neurobiologia. Comprometendo a capacidade de aprender a ler e escrever com correção e fluência, ela ocorre em diferentes graus e é evidenciada na fase de alfabetização, quando a criança apresenta dificuldade em ler e escrever, soletrar, entender textos escritos, identificar fonemas, associar fonemas às letras, reconhecimento de rimas, decorar tabuada, decorar símbolos e conceitos matemáticos, não se organiza no espaço, no tempo e de maneira ajustada a coordenação motora.

De acordo com a Associação Brasileira de Dislexia, de 0,5% a 17% da população mundial pode apresentar sintomas da dislexia, mesmo tendo níveis de inteligência considerados normais ou superiores. O excesso de produção do hormônio testosterona nas mães gestantes, também é apontado como sendo um dos fatores do transtorno nas crianças.

Segundo Nádya Bossa (2010, p.56): “Dificuldades de aprendizagem são conjunto de características que quando aparecem juntas prejudicam a aquisição de uma competência. Um conjunto de dificuldades irá se constituir num obstáculo à aquisição da competência para a escrita.” Ou seja, pode ser um obstáculo, mas com atendimento apropriado por profissionais capazes, esses obstáculos podem ser contornados e a criança aprender e desenvolver-se de maneira esperada e satisfatória.

As crianças em fase de alfabetizarem-se, apresentam-se ainda imaturas e não preparadas para início do processo de leitura e de escrita. Por

isso, se os sintomas aparecem, é fundamental que o profissional docente, que realiza a alfabetização destes alunos, saiba reconhecer e encaminhar para uma equipe multidisciplinar, formada por médico, fonoaudiólogo, psicólogo e psicopedagogo. Esta equipe, a partir de estratégias direcionadas fará com que haja uma melhor adaptação e ajustamento da forma de entender o mundo, por ferramentas e recursos a que a criança de identifique melhor.

O disléxico tem uma deficiência na decodificação dos símbolos escritos, o que o impossibilita de compreender o significado de um texto. Quando lê, a sua atenção está voltada para o código, em consequência, esquece o sentido do que acabou de ler. A velocidade normal de leitura de uma palavra é de 200 a 300 mil segundos. O disléxico leva em média 600 mil segundos.

A maioria dos disléxicos tem também disgrafia, ou seja, uma caligrafia irregular. Possui também dispraxia (pouca eficiência motora), conseqüentemente não consegue se organizar no espaço da folha do caderno. As letras geralmente variam de tamanho e não respeitam as linhas. O disléxico lê sem respeitar a pontuação e muda as palavras, pois, devido ao seu problema de sequenciação, não identifica corretamente o fim das mesmas. O disléxico revela um fraco domínio do sistema de ortografia, pois possui a dificuldade de identificar e discriminar a representação gráfica, não consegue transformar os seus pensamentos em código escrito. Para ele, elaborar um texto é extremamente laborioso, devido às dificuldades em construir seqüências e parágrafos num sentido lógico gramatical. Em consequência, o texto sai extremamente pobre, discrepante com o conteúdo da sua imaginação. Ele não consegue decorar regras da gramática por causa dos seus problemas de memória. Estes alunos revelam também muita dificuldade na expressão oral, porque a linguagem oral também depende da habilidade fonológica, uma vez que se faz necessário que se tenha um vocabulário internalizado, que selecione os fonemas apropriados, e que coloque em seqüência lógica para se expressar.

As repercussões da dislexia são muitas vezes consideráveis, quer ao nível do sucesso escolar, quer ao nível do comportamento do jovem, que origina nestes dois domínios de perturbações de gravidade variável, e importa reconhecer e evitar na medida do possível.

A criança disléxica é geralmente triste e deprimida pelo repetido fracasso dos seus esforços em superar as suas dificuldades. Algumas vezes, mostra-se agressiva e angustiada. A frustração causada pelo esforço sem êxito e a permanente comparação com as demais crianças provocam intensos sentimentos de inferioridade. Em geral, os problemas emocionais surgem como uma reação secundária aos problemas de rendimento escolar.

Crianças disléxicas tendem a exibir um quadro mais ou menos típico, com variações de criança para criança, cujas reações mais características são: reduzida motivação e empenho pelas atividades que implicam a mobilização das competências de leitura e escrita, o que por sua vez aumenta as suas dificuldades de aprendizagem; recusa de situações e de atividades que exigem a leitura e a escrita, devido ao temor de viver novamente uma experiência de fracasso; sintomatologia ansiosa perante situações de avaliação ou perante atividades que impliquem a utilização da leitura e escrita; sentimento de tristeza e de culpar a si próprio, podendo apresentar uma atitude depressiva diante das suas dificuldades; uma reduzida autoestima e autoconceito acadêmico; um sentimento de insegurança e de vergonha como resultado do seu sucessivo fracasso; um sentimento de incapacidade, de inferioridade e de frustração por não conseguir superar as suas dificuldades e por ser sucessivamente comparado com os demais; problemas comportamentais caracterizados por comportamentos de oposição e desobediência perante as figuras de autoridade (pais, professores, etc.) hiperatividade, dificuldade em manter a atenção; outras problemáticas poderão estar presentes como sejam a enurese noturna, a perturbação do sono, etc. Esses sintomas podem surgir sozinhos ou em comorbidade. Cada caso é um em particular, e é preciso que uma análise

de vários especialistas seja feita para que o atendimento seja eficaz e possibilite conforto e segurança à criança com dislexia.

De acordo com Ciasca (2009): “é importante a avaliação criteriosa, de modo a identificar a extensão e especificidades dos déficits e promover uma interlocução dos resultados de diferentes áreas do conhecimento para auxiliar na precisão diagnóstica e planejamento da intervenção.”

Muitas vezes confundida com dificuldade de atenção, a dislexia se caracteriza também pelo hábito de trocar, inverter, omitir ou acrescentar letras ou palavras ao escrever. Os disléxicos possuem a área lateral-direita do cérebro mais desenvolvida que a de pessoas que não possuem esse transtorno, tendo geralmente, por tal motivo, mais facilidade em questões relacionadas à criatividade, solução de problemas, mecânica e esportes.

Levando em consideração o despreparo que muitas instituições de ensino têm em relação às particularidades dos alunos - muitas vezes, inclusive, criando e reforçando estigmas – esse comportamento é responsável por uma grande parcela das causas de evasão escolar. Tais comportamentos muitas vezes, estão relacionados às alterações emocionais decorrentes das suas dificuldades. O diagnóstico consiste na análise do paciente, geralmente pela equipe multidisciplinar (psicólogo, fonoaudiólogo, psicopedagogo, etc.), excluindo outras possíveis causas. Tal avaliação permite que o acompanhamento seja feito de forma mais eficiente, já que leva em consideração as particularidades individuais.

O tratamento embora não tenha cura, auxilia o paciente quanto às suas limitações, permitindo uma melhora progressiva e evitando, assim, que sofra problemas sérios relacionados à autoestima e socialização. Além de prevenir futuros problemas na vida acadêmica e profissional também dele.

Para o disléxico já há legislação que garante seu atendimento: "O dever do estado com a educação escolar pública será efetivado mediante a garantia de atendimento educacional especializado gratuito aos educandos com necessidades especiais, preferencialmente na rede regular de ensino"

(Art. 4º, LDB). A LDB melhorou muito o atendimento dispensado aos disléxicos nas escolas de uma forma geral, porque faz referências às necessidades especiais. Nesse caso, chegamos, por dedução ou exegese jurídica, à conclusão de que a dislexia é uma necessidade especial. Mas qual a natureza dessa necessidade especial? Por exclusão, diríamos que uma criança com dislexia não é portadora de deficiência nem mental, física, auditiva, visual ou múltipla. O disléxico, também, não é uma criança de alto risco. Uma criança não é disléxica porque teve seu desenvolvimento comprometido em decorrência de fatores como gestação inadequada, alimentação imprópria ou nascimento prematuro. A dislexia tem um componente genético, exceto em caso de acidente cérebro vascular (AVC).

Ser disléxico é uma condição humana. O disléxico pode, sim, ser um portador de alta habilidade. Daí, em geral, os disléxicos serem talentosos na arte, música, teatro, esportes, desenho e na engenharia. Não se descarta ainda que venha a ser um superdotado, com uma capacidade intelectual singular, criativo, produtivo e líder. O disléxico pode, também, ser um portador de conduta típica, com síndrome e quadro de ordem psicológica, neurológica e linguística, de modo que isso comprometa a aprendizagem eficaz e eficiente de leitura e escrita, mas não chega a comprometer seus ideais, ideias, talentos e sonhos. Por isso, diagnosticar, avaliar e tratar a dislexia, conhecer seu tipo, sua natureza, é um dever do Estado e da sociedade, além de um direito de todas as famílias com crianças disléxicas em idade escolar.

Na prática do profissional da escola, atividades adaptadas devem ser desenvolvidas com crianças com dislexia, bem como esclarecimentos aos professores sobre a dislexia em palestras e cursos também são procedimentos importantes, pois assim suas causas, diagnóstico, avaliação e tratamento são conhecidos. É fundamental ter como principais objetivos tornar conhecido entre nós educadores o que realmente é dislexia, proporcionando igualdade, a partir de técnicas e métodos, durante o processo de aprendizagem, no ambiente escolar.

A dislexia costuma ser identificada nas salas de aula durante a alfabetização, sendo comum provocar uma defasagem inicial de aprendizado. Os lobos temporais estão localizados na zona por cima das orelhas tendo como principal função processar os estímulos auditivos, reconhecimento, identificação e nomeação de objetos. É muito difícil seu entendimento, por isso muitas vezes é mal interpretada por profissionais da educação, como por parte da própria família - leigos no assunto -, tornando mais difícil o diagnóstico da dislexia. Por isso, é muito importante uma grande atenção por parte dos professores para que este diagnóstico não se torne tardio, prejudicando ainda mais o aluno. Também faz-se necessário que as equipes multidisciplinares, bem como os próprios pais envolvidos, contribuam para o desempenho deste aluno na escola, podendo ele assim, usufruir melhor de sua cidadania. É direito de todos os cidadãos brasileiros a educação, e nela, a inclusão escolar.

A dislexia é um distúrbio de aprendizagem presente nas escolas, mas pouco conhecido entre os professores. Espera-se que estudos contribuam cada vez mais para auxiliar a prática educativa, colaborando assim, no processo de inclusão deste aluno no ambiente escolar, especialmente nas séries iniciais. É de suma importância que o educador seja sensível para com este aluno, visando não torná-lo estigmatizado pela sua dificuldade de leitura, mas que através de seu conhecimento possa oferecer ao mesmo as oportunidades que tem direito para desenvolvimento de todo seu potencial.

Compreender a dificuldade que cada um, no ambiente escolar, tem é fundamental para se entender como estabelecer estratégias que atinjam o problema e o resolva, possibilitando a superação e aprendizagem. Se o professor tiver um olhar mais experiente, poderá reconhecer que numa dificuldade há algo mais, e que a dislexia esteja presente, buscando então ajuda psicopedagógica ou multidisciplinar, dependendo da complexidade de cada situação.

Procurar aproximar-se da família também é uma prática recomendada aos psicopedagogos, uma vez que, neste segmento, as crianças estão na faixa etária em que ainda estão desenvolvendo a linguagem e a

capacidade de expressar seus sentimentos, sensações e emoções. Será através dos familiares que o profissional em questão poderá conhecer melhor seu aluno, e empreender os melhores recursos a fim de proporcionar a superação dos limites e aprender, numa proposta emancipatória e igualitária.

CAPÍTULO II

ALUNOS DISLÉXICOS NO ENSINO FUNDAMENTAL I

A dislexia é um distúrbio que leva o indivíduo a apresentar dificuldade na leitura, escrita e soletração. Verificando que os professores do ensino fundamental I não têm, em sua maioria, conhecimento em relação à dislexia, diagnosticar na escola do ciclo I do Ensino Fundamental alunos que apresentam possíveis sintomas da dislexia é ainda de baixa incidência, e, analisando como os educadores trabalham em sala de aula com os alunos do ciclo I do Ensino Fundamental que apresentam possíveis sintomas da dislexia, percebe-se que ainda há um longo caminho a ser percorrido para que a formação destes profissionais seja realmente eficiente.

É necessário que diagnóstico da dislexia seja precoce, isto é, os pais e educadores se preocupem em encontrar indícios de dislexia em crianças aparentemente normais, já nos primeiros anos de educação infantil, envolvendo as crianças de 4 a 5 anos de idade.

Quando não se diagnostica a dislexia, ainda na educação infantil, os distúrbios de letras podem levar crianças de 8 a 9, no ensino fundamental, a apresentar perturbações de ordem emocional, efetiva e linguística. Uma criança disléxica encontra dificuldade na leitura e as frustrações acumuladas podem levar a comportamentos antissociais, à agressividade e a uma situação de isolamento. Os pais, professores e educadores devem estar atentos a dois importantes fatores para o diagnóstico precoce da dislexia: a história pessoal do aluno e as suas manifestações linguísticas nas aulas de leitura e escrita.

Crianças inteligentes, saudáveis e espertas, mas com dificuldade de ler e entender o que lê, devem ser encaminhadas imediatamente a fim de que se investigue existência de casos de dislexia na família. A história pessoal de um disléxico, geralmente, traz traços comuns, como o atraso na aquisição

da linguagem, atrasos na locomoção e problemas de lateralidade. A escola, sendo o contexto institucional onde se desenrola a ação educativa, é também um ponto fundamental no âmbito das dificuldades de aprendizagem, e nos interessa tudo o que diz respeito à dislexia.

Prosseguindo, políticas de igualdade de oportunidades, que pretendem

incluir, tem ao mesmo tempo que, preparar os alunos para atingir objetivos difíceis e complexos, o que a confronta com um dilema. Se por um lado deve contemplar as diferenças entre os alunos, deve por outro conduzi-los a determinados objetivos.

Há situações problemáticas quando consideramos alunos com dificuldades de aprendizagem, como é o caso da dislexia. Pois, se a responsabilidade na prevenção do fracasso escolar recai inteiramente sobre a escola, esta instituição precisa vencer duplo desafio, que é o de lutar contra o insucesso e ao mesmo tempo desenvolver o potencial dos seus alunos com dislexia. Melhorar o fluxo da informação entre a escola e a comunidade, de modo a que alunos e pais possam conhecer tanto aquilo que a escola pode oferecer como as limitações com que se defronta; prever tempo, horários específicos de consulta, e encontros, entre a escola, o pessoal especializado, o aluno com dislexia e a sua família, para que todos possam adotar uma abordagem de colaboração e cooperação que torne mais fácil a busca de soluções; e disponibilizar e promover uma formação frequente para todos os interessados. Esta instituição deve, enfim, reunir todo um conjunto de condições com o objetivo comum de diminuir os défices associados à perturbação em debate e de contribuir para uma promoção do sucesso das crianças disléxicas.

Quanto ao professor do Ensino Fundamental I, como ele é o primeiro responsável pelo ensino da leitura e da escrita, é quem geralmente, confronta as dificuldades dos alunos. Se houver preparo por parte dele em reconhecer tais dificuldades, e por este caminho seguir até chegar ao diagnóstico por uma equipe de especialistas, pode-se vislumbrar um futuro de

vitórias de desafios e de bons resultados, tendo ele também conquistado para si uma oportunidade de aprendizado e de amadurecimento que o tornará cada vez mais competente no olhar docente sobre a dislexia.

É comum ouvirmos professores explicando a dificuldade de aprendizagem como sendo causada por problemas no lar, incapacidade da criança, imaturidade, problemas psicológicos e sociais. De qualquer forma, os aspectos afetivos parecem ficar de fora das salas de aula, embora sempre estejam presentes no processo de aprendizagem, influenciando tanto de maneira positiva, como negativa, neste caso bloqueando o desenvolvimento cognitivo da criança. Mas talvez possamos supor que foi justamente em razão desses bloqueios que os educadores passaram a aceitar os aspectos afetivos como componentes atuantes da aprendizagem, além da dimensão cognitiva

Dessa maneira, a Psicopedagogia vem contribuindo com a educação em favor da compreensão do sujeito que aprende, como que possibilitando ao professor desenvolver outra forma e olhar para seus aprendentes.

Segundo Freire (1980), se considerarmos a filosofia, a cidadania se constrói através de valores, atitudes, autonomia.

Para a psicopedagogia, o conhecimento sobre as dificuldades de aprendizagem é uma importante ferramenta para o profissional que se dispõe a intervir e acompanhar o dislético. Tanto a Psicopedagogia quanto a Psicologia e a Pedagogia, proporcionam possibilidades de compreensão sobre a aquisição da linguagem e seus processos, portanto, elas se tornam disciplinas que oferecem informações indispensáveis para a busca de auxílio à criança disléxica e o sucesso no atendimento destas.

O indivíduo tem um esforço subjetivo na maneira de compreender os sentidos dos esquemas cognitivos que são inerentes às suas novas aprendizagens. E cada aluno, a partir das habilidades que desenvolveu, vai ultrapassar ou não os obstáculos que surgirem durante sua alfabetização. Aos que não conseguem superação nesta fase, o psicopedagogo atua, mediando estratégias que os levem ao melhor entendimento de como se dá a leitura e a

escrita, e a interpretação e cada texto lido, seja ele em qual disciplina estiver vinculado.

Os indivíduos, em grande maioria, passam por algum momento na vida escolar, em que apresentam dificuldade de aprendizagem, seja por uma situação propriamente da educação, seja por qualquer outra a que esteja exposto. Este aluno poderá superar e ultrapassar esta dificuldade sozinho, ou precisar de alguém que o auxilie nesta busca de solução. Se houver uma atenção por parte dos responsáveis em relação ao desenvolvimento de seus filhos, fica mais fácil detectar e encaminhar; se não houver, caberá ao educador, seja em que situação ele se encontrar, formal ou informal, reconhecer essa dificuldade e, junto com ela, a solução que melhor se apresentar ao educando. Além disso, é claro que precisa haver por parte deste educador parâmetros que permitam a ele verificar quando há a aprendizagem esperada, e quando é necessária a intervenção de um outro profissional que não ele, como educador. Neste caso, referindo-se a um profissional de uma outra área que não seja a área da educação.

Muitos teóricos desse tema, partindo de referenciais teóricos diversos. O construtivismo é um deles e representa hoje, na área educacional, uma das visões mais aceitas sobre o modo como aprendemos. Dentro dessa abordagem, estão alguns teóricos com seus objetos e modos de olhar diferenciados: Jean Piaget, Vygotsky, Wallon, Maturana, entre outros. Tais autores contribuíram para a compreensão do processo de aprendizagem, enfocando um ou mais aspectos dentro de seus estudos (estruturas cognitivas, meio social, sistemas biológicos, etc.) De fato, a aprendizagem humana depende das funções cognitivas e também da dimensão social e afetiva, numa inter-relação entre os fenômenos físicos, biológicos, psicológicos, sociais e culturais, de uma maneira interdependente, indissociável e não apenas como uma somatória. O não aprender para alguns alunos pode estar associado à sua condição psicológica.

Após o aluno ser diagnosticado com dislexia a família documentada leva na escola para que este possa entrar no processo da

legislação vigente que apoia todos que apresentam esse problema e que ele possa a ter perante seus professores sistemas diferenciados de avaliação.

Segundo Araújo (2007, p12): A dislexia não tem cura, mas que podemos melhorar o quadro com apoio e ensino adequado, o dislético sempre contorna suas dificuldades, encontrando seu caminho. O dislético geralmente demonstra insegurança e baixa autoestima, sentindo-se triste e culpado. Muitos se recusam a realizar atividades com medo de mostrar os erros e repetir o fracasso. Com isto criam um vínculo negativo com a aprendizagem, podendo apresentar atitude agressiva com professores e colegas.

Com isto pode vir a ocorrer o abandono da sala de aula ou, se consegue chegar até o fim é com muito esforço e às vezes sofrimento psicológico,

Há ações muito importantes que os educadores devem colocar em prática para que o aluno dislético acompanhe os colegas de sala de aula. É comum professores comentarem uns com os outros que determinado aluno não aprende, não se interessa, é indisciplinado, entre outros adjetivos atribuídos, e conseqüentemente, o professor que terá que trabalhar com ele no ano seguinte, cria uma espécie de proteção. Enquanto a história ou os rótulos atribuídos a um individuo chegar antes dele próprio e essas informações predominarem, continuará o aluno assim. Mas se houver a dúvida, a investigação e principalmente a ação quando constatado tal quadro de dificuldade, o comentário seguinte não será apenas que realmente é verdade, mas que também algo é feito por este aluno, e ele corresponde bem a esta atenção.

Quando o educador investiga, ele olha, observa, faz anotações, observa novamente com mais atenção, tira suas conclusões e principalmente age. É essa ação que o diferenciara dos demais e o tornara importante aos seus educandos, pelo fato deste professor olhar com atenção e agir. Um dos problemas indicados pelos próprios professores é que geralmente os profissionais do ciclo I do Ensino Fundamental não têm a formação precisa pra realizar o diagnóstico dos distúrbios de aprendizagem, mas através da a

observação pode detectar as dificuldades que o aluno apresenta. Devido à falta de formação do professor na graduação ele ainda não está preparado para detectar estes problemas. O despreparo do professor da escola fundamental para compreender as questões de dificuldade da linguagem o tem levado a problemas na forma de lidar com aquelas que envolvem o processo de aprendizagem.

Estas reflexões pretendem promover uma atitude menos excludente, em que o “diferente” seja considerado e atendido adequadamente e não continue a aumentar os índices do fracasso escolar. A convivência em sala de aula com crianças que apresentam distúrbio de leitura exige, inegavelmente, um nível de preparo mais específico do professor, que vai além dos níveis atuais. O professor precisa ter consciência da necessidade de se conhecerem as possibilidades e limites do portador de dificuldades de linguagem, procurando ampliar-lhe, assim, o potencial.

A escola ainda não responde, eficazmente, ao desafio de lidar com as necessidades educacionais relacionadas com as dificuldades de linguagem, especificamente, no que se refere ao processo da leitura e da escrita. A metodologia adotada nas escolas muitas vezes também deixa de contemplar os alunos com necessidades educacionais especiais, permitindo que no lugar onde deveria haver integração dos alunos e de todos os que fazem parte dela, haja justamente o contrário, ou seja, a exclusão.

Se ter a habilidade de ler e escrever textos é uma posição indispensável a qualquer cidadão, sem a qual a pessoa encontra obstáculos e dificuldades para enfrentar as questões diárias que uma sociedade impõe a todos os seus cidadãos, a escola, como instituição que se encarrega de ensinar tal habilidade, fica unicamente, e injustamente responsável por desenvolvê-la. Porém, as diversas formas de interação social que um indivíduo tem como exigência em seu cotidiano, pressionam para que ele também tenha uma capacidade de leitura e de entendimento, além de escrita e expressão de seu raciocínio adequadas a sua inserção e inclusão num mundo moderno que determina papéis sociais diversos, onde estas capacidades citadas acima são

imprescindíveis. Tais habilidades são fatores que, ao mesmo tempo que favorecem a inserção no meio social, também permitem que os indivíduos cresçam e desenvolvam-se em suas atividades, sejam elas quais forem, pois tudo no mundo atual requer, no mínimo, leitura e escrita, interpretação e posicionamento sobre o que lê e sobre o que escuta nos meios de comunicação e na mídia, de uma forma geral.

CAPÍTULO III

O PSICOPEDAGOGO E A DISLEXIA

Para se dar o diagnóstico de dislexia, o tratamento psicopedagógico vai ser direcionado aos sintomas do indivíduo, visando a superação dos mesmos, já que estes estão impedindo a evolução de seu processo de aprendizagem, além de produzirem problemas secundários mais severos que a própria dislexia, entretanto não se deve apenas ater-se aos sintomas manifestos. O problema de aprendizagem não é apenas a sintomatologia, mas todo um sistema que necessita se equilibrar para que a aprendizagem transcorra de forma eficiente.

Toda criança que inicia sua escolaridade deseja aprender e obter resultados como seus colegas de turma. Pois todos gostam de ser admirados e valorizados, e a intervenção psicopedagógica entra para que isto ocorra quando há algo que não vai bem neste processo de aprendizagem.

Com um caráter de urgência, o atendimento ao dislético precisa capacitá-lo e reintegrá-lo dentro de sala de aula, de forma que ele se sinta responsável por si e seguro de seus atos. A reabilitação do escrever e da leitura dá ao dislético condições de adquirir e interagir no espaço de educação formal, a escola. Por sua vez, a partir desta adaptação e reintegração, estará apto e preparado também para atuar fora dela e entre os demais, com quem convive em família, na comunidade em que faz parte, ou seja, para exercer sua cidadania e individualidade.

O indivíduo quando passa a ter autonomia e independência, começa a ter realizadas suas ações concretas e se fortalece através dela e da melhora de sua autoestima. A partir daí, pode reabilitar também seus recursos cognitivos, ferramentas fundamentais para que aprenda e utilize o que aprendeu em seu dia.

O psicopedagogo atua buscando embasamento constante em teorias modernas e descobertas na área. Pela capacitação, o profissional pode saber que estratégias aplica em cada situação a que estiver assistindo. Buscando técnicas, tipo de conduta e de ações, ele capacita-se para estar seguro quanto as estratégias de trabalho que se adapte a cada aluno.

O diagnóstico psicopedagógico é um corte que permite observar a dinâmica da modalidade de aprendizagem, sabendo-se que esta tem uma história, que vai sendo construída pelo sujeito em interação com o grupo familiar de acordo com suas experiências e de como elas foram interpretadas por ele e seus pais. Para poder situar as possibilidades de intervenção psicopedagógica em indivíduos disléxicos, primeiramente necessito falar um pouco sobre a Psicopedagogia e seus referenciais teóricos.

Esta é uma atividade transdisciplinar, que construiu seus postulados a partir de conhecimentos advindos de diversas áreas, dentre as quais pode-se destacar a Pedagogia e a Psicologia. Entretanto, não fica restrita apenas a região de interseção entre ambas, mas inaugura um novo pensar a respeito do desenvolvimento humano e da estrutura do sujeito que ensina e aprende. Neste sentido, a Psicopedagogia é um salto adiante na busca de soluções para problemas antigos, é um novo paradigma surgido neste final de século, buscando integrar o homem à sociedade por meio de suas possibilidades de aprender. O processo de aprendizagem é o objeto de seu estudo. Não apenas a aprendizagem no âmbito da escola, mas qualquer forma do sujeito aprender, pois identifica os processos cognitivos aos processos vitais. Voltada para seu próprio objeto, a Psicopedagogia só pode se perguntar, pois a pergunta está na base de toda aprendizagem, que se inaugura como curiosidade. Ela o faz a partir de três parâmetros: o desconhecimento, o conhecimento e o desejo de conhecer que todo ser humano possui. Ou seja, a curiosidade que faz parte de todas as pessoas e que as empurra em direção ao conhecimento e as descobertas.

A Psicopedagogia se volta para o sujeito aprendente, assim como a Psicanálise para o sujeito desejante e a Epistemologia genética para o sujeito que aprende. O sujeito aprendente da Psicopedagogia é constituído a partir do organismo biológico, articulado com a inteligência e o desejo. Da relação entre essas três estruturas se constrói um corpo adaptado ou não para aprender. A responsabilidade que o conhecer exige é a energia que surge do desconhecer insistente que cada um de nós tem.

O diagnóstico psicopedagógico é um corte que permite observar a dinâmica de como se dá para cada um a aprendizagem, sabendo-se que esta tem uma história, que vai sendo construída pelo aluno em interação com o grupo familiar e com o social também, de acordo com suas experiências.

A intervenção psicopedagógica, por sua vez, visa abrir espaços objetivos e subjetivos, onde a autoria de pensamento seja possível, ou seja, onde possa surgir um sujeito capaz de aprender. Desta maneira, a Psicopedagogia olha para o sujeito em sua individualidade, mas também o vê integrado nos grupos a que pertence (familiar, social, escolar e outros) buscando encontrar suas peculiaridades como aprendente, ou seja, a modalidade de aprendizagem que lhe é própria. O que lhe interessa são as diferenças que possibilitam compreender o indivíduo como um ser único, apesar dele estar inserido num determinado tipo de modalidade de busca onde troca experiências e aprendizagem.

Em primeiro lugar, o olhar sobre a dislexia, sob o ponto de vista da Psicopedagogia, é específico. Não interessa ao trabalho psicopedagógico as características que os disléxicos têm em comum. Não se olha para a dislexia como um estigma, mas sim como uma característica a mais. O olhar e a escuta psicopedagógicas são dirigidas para o sujeito e sua história de trocas, dificuldades de leitura e de escrita no seu contexto e na sua modalidade de aprendizagem. As perguntas que o psicopedagogo deve

fazer a si próprio diante de uma queixa deste tipo são perguntas de análise e de busca pela verdade, como num método de ciência.

Tirando o sujeito do lugar do esteriótipo e tornando-o único a seus próprios olhos, aos de sua família e aos da escola, abrindo possibilidades de mudança a partir da diferenciação, o sujeito, a família e a escola podem, junto a ele, mudar sua maneira de atuar. Isso é o que vai repercutir na modalidade de aprendizagem e permitir que se ache um caminho de comunhão entre todos os atores deste importante cenário: aluno, pais, professores e educadores.

A psicopedagogia está comprometida com o trabalho de aprendizagem desenvolvido pelas instituições escolares e como o aluno se comporta perante esse trabalho. É parte das funções do psicopedagogo o compromisso com a melhoria deste trabalho realizado pela escola, portanto, é fundamental que ele esteja capacitado e reconheça os diversos métodos que as escolas implementam em suas salas de aula. Se este profissional não souber de metodologia, não saberá intervir pra que esta melhoria ocorra e alcance o aluno em sua formação no ensino fundamental nas séries iniciais, principalmente, pois é ela quem prepara o estudante para as demais fases escolares a que ele terá que ter contato.

Nascida da necessidade de compreender melhor os processos de cognição, a psicopedagogia vem resolver dificuldades dos alunos, impedindo muitas vezes que eles sejam encaminhados a profissionais da saúde apenas, numa proposta de medicalização somente, pela qual não se consegue atuar de maneira eficaz. Atualmente, há formas de intervenção em que a medicalização é retirada, ou nem se faz necessária, uma vez que o psicopedagogo atende o disléxico eficientemente, contribuindo para sua adaptação e desenvolvimento com relação às habilidades exigidas para o mundo de hoje, e as atividades diversas a que todos os indivíduos estão ou estarão, em algum momento, expostos.

De maneira multidisciplinar, a psicopedagogia se utiliza de várias áreas do conhecimento para chegar à estratégias que se adequem a cada dificuldade de aprendizagem que o aluno das séries iniciais possa apresentar. Devido a prioridade deste segmento ser maior do que os demais, é imprescindível que este profissional o conheça bem, assim como as dificuldades que tal clientela pode ter. Ou seja, o psicopedagogo precisa ter um amplo conhecimento, além de foco de estudo, que é o de entender como se desenvolve o processo de aprendizagem humana e seus complicadores e facilitadores.

Segundo Bossa (1994), a psicopedagogia se ocupa da aprendizagem humana, como se aprende, como essa aprendizagem varia evolutivamente e como reconhecer as alterações, tratá-las e preveni-las. Esta definição delimita bem qual é a atuação do psicopedagogo no ensino fundamental das séries iniciais, pois, enquanto segmento que trabalha a leitura, escrita, interpretação e as quatro operações matemáticas e suas aplicações, fica mais claro que a atuação deve ser pela estratégia de fazer o aluno compreender bem tais requisitos, para ser capaz de entender o que vier para ele, na escola, em forma de conteúdo a ser aprendido e aplicado posteriormente.

A ação do psicopedagogo tem como eixo central o sujeito e tal análise envolve uma série de informações acerca do aluno e que são conseguidas através de observação e dedução, por atividades exercícios a que é submetido o educando. Por suas respostas se tem o diagnóstico e as respostas de quais recursos serão essenciais para um trabalho correto e dinâmico, que alcance a dificuldade e a anule, transformando a dúvida em entendimento, de preferência através do lúdico, com o envolvimento do sujeito sem que ele perceba os objetivos e a intenção de forma negativa e rejeite, causando o não funcionamento das estratégias psicopedagógicas utilizadas então.

O olhar psicopedagógico sobre a criança pequena, mais especificamente a do ensino fundamental primeiro segmento deve ser o olhar de atenção e de investigação, pois os problemas de aprendizagem são difíceis tanto no diagnóstico, na fase inicial, quanto no decorrer da intervenção, uma vez que, qualquer erro pode causar o agravamento da situação. Desvendar o porquê do não aprender em crianças que são predispostas a isso, é um trabalho sério, além de difícil, e precisa ser realizado por quem tem comprometimento e investe no conhecimento sobre a causa em si. Saber de seus desencadeamentos, origem, solução, estratégias de intervenção, recursos, é saber como obter resultados com êxito.

A sala de aula e o ambiente escolar, de forma geral, não dão conta de atender o aluno em todo seu potencial, assim como o professor, que sem a experiência necessária nesse segmento de atuação, não entende que algumas razões do não aprender em seu aluno passa por dificuldades e transtornos de aprendizagem, que, com atendimento e intervenção psicopedagógica, se torna quase nulo e controlado, e uma aprendizagem nivelada aos outros sujeitos da turma e da escola, em sua maioria.

Um dos objetivos da psicopedagogia é a intervenção afim de mediar entre a criança e tudo o que ela tem como objeto de conhecimento. Devido às possibilidades das causas dos problemas em aprender serem diversas, se reconhece a capacitação e o estudo, além da competência adquirida pela experiência como professor em sala de aula, como principais fatores que levarão ao sucesso da prática profissional, levando o aprendente a adaptar-se melhor aos recursos e às estratégias utilizadas nas atividades escolares.

O Psicopedagogo é indicado para assessorar e esclarecer a escola a respeito de diversos aspectos do processo de ensino-

aprendizagem e tem, além disso, uma ação preventiva. Na escola, o psicopedagogo poderá contribuir no esclarecimento de dificuldades de aprendizagem que não têm como causa apenas deficiências do aluno, mas que são consequências de problemas escolares, que estiverem relacionados com linguagem utilizado pelo professor, com a relação professor-aluno, com os métodos de ensino, com a organização escolar, com capacitação de pessoas, e formação continuada, sobre projetos implementados e seus objetivos, sobre a família para que entenda o que é a dislexia e como agir a partir dela, sobre os caminhos e os recursos que facilitem o aluno no processo de desenvolvimento de sua linguagem e expressão, habilidades e potencial.

CONCLUSÃO

É preciso que cada vez mais os profissionais da educação se dediquem ao estudo, não somente deste distúrbio, mas também de todas as dificuldades de aprendizagem, e se empenhem na busca de formação especializada para a intervenção apropriada dentro da escola e da sala de aula, visando a inclusão destes alunos no ambiente escolar e social. Visto que é dever da escola atuar como suporte, promovendo o desenvolvimento potencial, social e formativo dos alunos. Entretanto muitas vezes, ela acaba excluindo-os por não possuir formação necessária para trabalhar com eles, ficando sem saber como atendê-los.

É imprescindível que os profissionais da educação tenham a oportunidade de realizar cursos de formação continuada para promoverem a aprendizagem de educandos com diferentes dificuldades de aprendizagem. Para que além da boa vontade tenham conhecimento para lidar com esses distúrbios, podendo assim oferecer o acompanhamento devido e necessário.

Em se tratando do distúrbio de dislexia, vê-se que tem sido um transtorno que está presente em nossas instituições escolares, e que muito tem prejudicado às crianças, devido a não ser algo que possa diagnosticar ou mesmo perceber suas características e intensidade de maneira simples e rápida. O que se pode observar é que este distúrbio afeta o desenvolvimento da leitura e escrita do indivíduo deixando-o na maior parte dos casos, por anos consecutivos na mesma série. Portanto, pode-se concluir que a dislexia se constitui como um processo de dificuldade de aprendizagem do aluno. Estudos têm confirmado causas genéticas e neurológicas.

Professores podem ser os mais importantes no processo de identificação e descoberta desses problemas, porém não possuem formação específica para fazer tais diagnósticos, que devem ser feitos por médicos,

psicólogos e psicopedagogos. O papel do professor é o de observar o aluno e auxiliar o seu processo de aprendizagem, tornando as aulas mais interessantes e dinâmicas, não rotulando o aluno, mas dando-lhe a oportunidade de descobrir suas potencialidades.

A dislexia consiste em alterações resultantes de limitações sensoriais discretas ou de anomalias na organização dinâmica dos circuitos cerebrais responsáveis pela coordenação visual, auditiva e motora. Os indivíduos acometidos são portadores de diferenças de aprendizagem específicas, não se tratando portanto de uma doença e sim de um modo diferente de pensar, não uma incapacidade.

As crianças, quando iniciam a alfabetização, já dominam a linguagem oral, sendo capazes de iniciar o aprendizado da escrita. Entretanto, sabe-se que existem regras mais específicas e próprias da escrita, havendo, então, maiores dificuldades no seu aprendizado. Portanto, é muito importante ressaltar que existe uma combinação dos fenômenos biológicos e ambientais no aprendizado da linguagem escrita, envolvendo a integridade motora, sensorial, perceptual, a social e a emocional. Além disso, o domínio da linguagem e a capacidade de simbolização também são princípios fundamentais no desenvolvimento do aprendizado da leitura e da escrita. A dislexia, por ser uma alteração específica de leitura e de escrita, requer estudos mais aprofundados, por se tratar de um tema complexo. O aprendizado da leitura e da escrita é um marco na vida das crianças, entretanto, muitas destas apresentam dificuldades neste processamento e requerem que os profissionais estudem este assunto, para que a intervenção seja realizada precocemente.

A causa mais frequente de baixo rendimento e insucesso escolar é a dislexia. Na grande maioria dos casos não é identificada, nem corretamente tratada, por isso, conhecer os conceitos básicos desta perturbação de modo a permitir a identificação dos sinais de risco precoces, é o principal fator para que o profissional da psicopedagogia obtenha resultados esperados e atinja os objetivos traçados e determinados para o disléxico sob sua intervenção.

Principalmente, quando a ocorrência se dá nas séries iniciais do ensino fundamental, quando a criança aprende a ler e escrever, passos básicos para toda a sua futura vida escolar e funcional nas interações que realizará socialmente. Disto dependerá seu entendimento de mundo, a forma como perceberá os outros e suas intenções, e de como atuará também com as outras pessoas. Esta fase é o ponto de partida para as demais e subsequentes, o que responsabiliza os profissionais que atendem na escola esta faixa etária. São os educadores que primeiramente percebem que há alguma dificuldade. Após esse indício, e por um encaminhamento correto ao devido profissional da área médica, esta criança tem oportunidade de receber atendimento necessário e desenvolver-se satisfatoriamente durante todo o seu percurso escolar e acadêmico, profissional, social e até mesmo psicológico e emocional.

Aprender a ler não é um processo natural. Contrariamente à linguagem oral a leitura não emerge naturalmente da interação com os pais e os outros adultos, por mais estimulante que seja o meio a nível cultural. Para aprender a ler é necessário ter uma boa consciência fonológica, isto é, o conhecimento consciente de que a linguagem é formada por palavras, as palavras por sílabas, as sílabas por fonemas e que os caracteres do alfabeto representam esses fonemas. A consciência fonológica é uma competência difícil de adquirir, porque na linguagem oral não é perceptível a audição separada dos diferentes fonemas. Quando ouvimos a palavra “pai” ouvimos os três sons conjuntamente e não três sons individualizados. Para ler é necessário conhecer o princípio alfabético, saber que as letras do alfabeto têm um nome e representam um som da linguagem, saber encontrar as correspondências grafo fonêmicas, saber analisar e segmentar as palavras em sílabas e fonemas, saber realizar as fusões fonêmicas e silábicas e encontrar a pronúncia correta para aceder ao significado das palavras. Para realizar uma leitura fluente e compreensiva é ainda necessário realizar automaticamente estas operações, isto é, sem atenção consciente e sem esforço. A capacidade de compreensão leitora está fortemente relacionada com a compreensão da linguagem oral, com o possuir

um vocabulário oral rico e com a fluência e correção leitora. Todas as competências têm que ser integradas através do ensino.

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

ABREU, Susane Rocha de. Crianças e adolescentes em situações de risco no Brasil. Revista de Psiquiatria, São Paulo, vol. XXIV, n. 1, p. 5-6, março.2002.

ANDRADE, Márcia Siqueira de. Rumos e diretrizes dos cursos de psicopedagogia: análise crítica do surgimento da psicopedagogia na América Latina Psicopedagogia, jun. 2004, vol. III, n. 6, p.70-7

BEAUCLAIR, João. O que é psicopedagogia? Psicopedagogia on-line Educação e Saúde Mental de, São Paulo, junho.2004.

BOSSA, Nádía A. A psicopedagogia no Brasil: contribuições a partir da prática, 2ª ed. rev. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2.

CASTANHO, Maria Irene Siqueira. Competências na psicopedagogia: um enfoque para o novo milênio. Rev. Psicopedagogia. São Paulo, Associação Brasileira de Psicopedagogia, vol. XIX, n. 59, p. 25-30.

FERREIRO, Emília. Reflexões sobre Alfabetização. Tradução de Horácio González São Paulo: Cortez: Autores Associados, 1986. P.64-85.

FERNANDEZ, Alicia. A Inteligência Aprisionada. Porto Alegre: Artes Médicas, 1990.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa.São Paulo: Paz e Terra, 1996.

PAIN, Sara. Diagnóstico e Tratamento dos Problemas de Aprendizagem. Porto Alegre: Artes médicas, 1992.

PIAGET, Jean. Biologia e Conhecimento. 2ª Ed.. São paulo, S.P.: Vozes, 1996

STROILI, Maria Helena Melhado. Psicopedagogia: identidade de uma especialidade em construção. Revista de Psicopedagogia. São Paulo, Associação Brasileira de Psicopedagogia, vol. XIX, n. 56, p. 14-16, outubro.2001.

ÍNDICE

FOLHA DE ROSTO	2
AGRADECIMENTO	3
DEDICATÓRIA	4
RESUMO	5
METODOLOGIA	6
SUMÁRIO	7
INTRODUÇÃO	8
CAPÍTULO I	13
Entendendo a Dislexia	
CAPÍTULO II	20
Alunos Disléxicos no Ensino Fundamental I	
CAPÍTULO III	27
O Psicopedagogo e a Dislexia	
CONCLUSÃO	34
BIBLIOGRAFIA CONSULTADA	38
ÍNDICE	40